



## >> Está oficialmente aberta a época de incêndios

Tal como a época de saldos e rebaixas, a época dos incêndios está bem definida e dura metade de um ano. Em 2017 a época oficial de incêndios florestais começou a 15 de maio mas, já antes o número de fogos ascendia aos seis mil, a que corresponderam cerca de 11 mil hectares de área ardida. São as promoções que antecipam os saldos.

Até há um serviço disponível para aplicações móveis, que expõe e mostra, em tempo real, os incêndios ativos em Portugal. É a consagração do fogo!

A época só termina a 15 de outubro mas, mesmo depois, dependendo de um período mais ou menos seco, não há nada que impeça uns foguitos de ocorrerem por aqui e por ali.

Na época dos incêndios, num só dia, 12 de agosto de 2017, deflagraram 220 incêndios em Portugal. E ... provavelmente muitos, felizmente, não foram bem-sucedidos. Parece ninguém ter dúvidas, nem o governo, que são muitas as mãos criminosas que planeiam e executam estes atos de barbárie.

A Proteção Civil revelou, em 16 de agosto, que os incêndios florestais tinham consumido mais de 140 mil hectares. Durante todo o mês de agosto Portugal esteve a arder. Bens que representam muitas vezes o esforço de uma vida, o abrigo do dia-a-dia, são roubados sem dó nem piedade. Todos os anos há Bombeiros, Mulheres e Homens, que expõem as suas vidas para combater este flagelo. Muitos, na sua nobre missão, ficam permanentemente marcados, quer física quer psicologicamente. Este ano então foi terrível, com a perda de dezenas de vidas humanas.

E quem é responsável? Quem responsabiliza?

Têm sido detidos homens e ... mulheres, a igualdade de género também se impõe nestas andanças. Julgados, constata-se que muitos ficam em liberdade condicional. Haverá interesses económicos por trás destes incêndios provocados? Estudos realizados revelam o chamado perfil do incendiário: inculto, solteiro e com perturbações do foro psicológico! Muitos com histórias de alcoolismo. São no entanto capazes de concretizar, de forma delibe-

rada, incêndios provocados por chama direta, através de fósforo ou isqueiro. Tal atuação em geral deixa provas que permite a sua identificação e muitos dos palermas detidos são reincidentes. O perfil é traçado tendo por base os tolos que se deixam apanhar. Há incêndios mais elaborados, estrategicamente localizados, temporizados e sequenciados. Estes são acionados por crápulas nojentos que não se deixam apanhar e não contribuíram, portanto, para o perfil do incendiário. No ano passado, a distribuição das penas foi: prisão preventiva 28%, obrigação de apresentação periódica 23%, prisão domiciliária 12%, termo de Identidade e Residência 12%, institucionalizados 6%. A justiça faz alguma coisa ...

As polícias portuguesas detiveram na primeira metade deste ano seis vezes mais presumíveis incendiários do que em período homólogo de 2016. As polícias vão fazendo o seu trabalho ...

As nossas Forças Armadas têm colaborado nas operações de vigilância, patrulhamento e rescaldo dos fogos florestais cumprindo com a sua missão fundamental: a de garantir a defesa militar da República. Militares dos três ramos das Forças Armadas, coordenados pela Autoridade Nacional de Proteção Civil, estão a ajudar neste combate ...

As florestas vão passar a ser vigiadas durante a noite por aviões da Força Aérea equipados com sensores de calor, numa política mais preventiva. Com uma proposta de alteração legislativa recente, todo o indivíduo declarado de incendiário pode vir a ficar em prisão domiciliária durante os meses de Verão. O Estado Português tem contado com a ajuda externa, principalmente de Espanha, que colocou em Portugal militares para além de bombeiros e de membros de unidades de proteção civil. Também recebemos apoio aéreo de Itália e Marrocos. As penas são pesadas: pena de prisão de um a oito anos, com agravamento até 12 anos em casos de perigo para a integridade física ou risco de vida, perda de património de valor elevado, ou perante prova de obtenção de benefício económico intencional. Existem Planos Regionais de Ordenamento Florestal, com várias revisões, e uma Estratégia Nacional para as Florestas. Certamente a precisar de constante renovação, mas não se pode dizer que o Estado não tem vindo a desenvolver medidas para tentar mitigar este flagelo ...

Mas se o problema continua e em crescendo, que importa fazer?

Óbvio que é na vigilância que se pode e deve atacar a situação. A floresta estar quase na sua totalidade em mãos privadas não pode servir de escusa. A recuperação dos guardas florestais, a participação dos corpos de bombeiros na definição e planeamento de zonas de proteção para favorecer o combate a um possível incêndio têm vindo a ser discutidas. Também se questiona a opção por ter retirado das forças armadas a capacidade de combate a incêndios, nomeadamente através de “kits” de combate a incêndios que podem equipar certas aeronaves. O custo é caro, assim como o da manutenção de mais aeronaves, mas o preço a pagar para ter acesso a meios aéreos privados no combate aos incêndios não é menor certamente!

Mas sobretudo, e já que as Forças Armadas têm sido chamadas a este combate em segunda linha para apoio ao combate aos incêndios e sem meios adequados, dever-se-ia declarar um tipo de “estado de guerra”, na época de fogos, e colocar tropas em exercícios militares nas florestas. As Forças Armadas cumpririam melhor a sua missão de defesa da República ao mesmo tempo que exercitariam as suas capacidades militares tão necessárias à nossa segurança e defesa. Gaste-se dinheiro a prevenir reequipando as nossas Forças Armadas e certamente os custos a suportar serão muito inferiores ao preço a pagar a outros na contratação de meios para combate aos incêndios. Tropas mais bem preparadas e meios que serão úteis a outras ações, como vigilância do território, controle das nossas águas, transporte de doentes e feridos por meios aéreos, representam uma sinergia dos custos e são uma mais-valia para a valorização do país.

Os tontos e os espertos são a outra parte do conflito. Haja ou não interesses económicos, seja ou não apenas estupidez ou malvadez humana, estes são os inimigos de Portugal. Explícite-se o combate, declare-se guerra a estes malfeitores.